

Resumos comentados

A produção ficcional-poética de Robert Weber abrange os gêneros poesia, prosa e ensaio, é leve, voltada para o entretenimento, a pedagogia e a natureza. Muitos de seus textos são fábulas. Os poemas apresentam métrica e rimas elaboradas. Algumas de suas obras, como por exemplo, *Ein Weihnachtsmärchen* (Um conto de fadas de Natal), „*Fritze*“ *ein Affenleben* („Fritze“ uma vida de macaco), „*Endlich frei*“ (Finalmente livre) revelam traços de sua posição político-ideológica.

*Ein Weihnachtsmärchen*¹ (Um conto de fadas de Natal) é, como o título indica, um conto de fadas, uma narrativa de faz-de-conta, que cria explicitamente um distanciamento entre o real e o imaginado. Os leitores penetram o texto já com esse horizonte de expectativas delineado. A narrativa focaliza um país derrotado e, assim, começa: „Era uma vez um povo que havia perdido uma guerra“.² Mas, à perda da guerra, segue-se, paradoxalmente, a perda da paz. A paz imposta é significada pelo povo como morte, a morte das crianças. Os guerreiros haviam perecido no conflito e a paz devora a força das crianças. „Centenas de milhares de crianças morriam dessa morte atroz instalada na paz, na Paz letal de Versailles“.³ Com esta referência ao fato real, o narrador cria dois níveis de discurso a serem percorridos pelos leitores: o da história que se estabelece subjacentemente e o de faz-de-conta, assinalado no título, onde ele tece sua própria interpretação dos fatos pertencentes ao outro plano, o macrohistórico. Em seguida, no segundo parágrafo, o mesmo narrador introduz um terceiro plano narrativo – o religioso -, carregado de autoridade, mas recheado de elementos concretos, a estimularem os sentidos das crianças (e dos adultos), ao trazer a figura de Deus para arbitrar a situação.

E, quando o bom Deus, de seu trono, olhou para baixo e viu a morte das crianças e percebeu como os pequenos se espremiavam a caminho do céu, quase não restando mais nenhum espaço

¹ - Weber, Robert - *Ein Weihnachtsmärchen*. In: *Kalender der Serra-Post*. Ijuí, Ulrich Löw, 1924, p. 101-102.

² - „Es war einmal ein Volk, das hatte einen Krieg verloren“. Id. *ibid.*, p. 101.

³ - „Hunderttausende Kinder starben diesen entsetzlichen Tod des Friedens, den Versailler Friedenstod.“
Loc. cit.

livre na resplandecente via nuviosa, mandou construir um portão novo no seu céu, um magnífico e suntuoso portão para as crianças, que a falsa paz tinha estrangulado. E também mandou fazer para as crianças uma nova estrada celeste, para que pudessem chegar em sossego e seguras ao céu.⁴

Entretanto, como a situação não se altera, Deus acaba ficando perturbado e envia Jesus, o Salvador, à Terra. Na noite de Natal, quando todos se alegram para os festejos natalinos, com a decoração da árvore de natal e com a confecção das comidas típicas, eis que chega a Paz de Versailles, personificada, e tolda todo o regozijo do povo, chegando mesmo a exigir a vida do Salvador, de quem não tem conhecimento. Então, Deus levanta-se de seu trono, abalando com isso o cosmos e abate a Paz de Versailles. O povo respira aliviado.

Porém, ao percorrer o mundo, Deus encontra na região de Compiègne um ser arrasado, torturado, acorrentado, e pergunta-lhe: „Quem és? ”, ao que este responde: „Eu sou a paz do mundo, fui presa por um tal Conselho Superior que, em meu lugar, colocou a Paz de Versailles e me aprisionou aqui”.

Deus liberta a paz do mundo e oferece a cada criança morta uma luz, para que com ela ilumine os caminhos do céu.

Assim, voltam a paz e a alegria verdadeiras a reinar no seio do povo. É este o presente de natal no plano da ficção: a morte das crianças não foi em vão. O fato da Paz de Versailles ter sido aniquilada e substituída por Deus merece análise.

*Radio im Urwald*⁵ (Rádio na floresta) começa assim:

Leonhard Heimer encontrava-se na varanda de seu escritório-residência. Assim mesmo: escritório-residência, pois o senhor Leonhard era professor da comunidade escolar Dona Eulalia, linha 9, e tinha também por encargo dar aulas à tarde na linha 9a.

Diante de seu escritório-residência sobressaíam as copas das laranjeiras de folhagem escura, espiando curiosas o jovem mestre-escola; este estava sentado na espreguiçadeira e lia o jornal. Sobre a mesa de pernas em cruz da varanda havia uma pilha de cadernos escolares e o professor Heimer apresentava

⁴ - „Und als der liebe Gott von seinem Throne herabsah in das Kindersterben und sah, wie die Kleinen auf dem Himmelswege sich drängten und auf der schimmernden Wolkenbahn fast kein Platz war, da ließ der Gott ein neues Tor in seinen Himmel bauen, ein wunderbar prunkvolles Tor für die Kinder, welche der falsche Krieg erwürgt hatte. Und er ließ eine neue Himmelsstraße machen für die Kinder, damit sie ruhig und sicher in den Himmel kommen konnten.” Loc. cit.

⁵ - Weber, Robert - Radio im Urwald. Erzählung. In: *Kalender der Serra-Post*. Ijuí, Ulrich Löw, 1925, p. 173-176.

na mão direita dois dedos sujos de tinta vermelha. Corrigia, portanto. Estava cansado agora.⁶

Para deslocar-se de uma escola a outra, usa o cavalo, e a viagem custa-lhe duas horas, o que no verão torna-se ainda mais difícil. Com tantos afazeres pedagógicos e o tempo gasto nas viagens mal lhe sobra tempo para ler o jornal todos os dias e manter-se atualizado com os acontecimentos e as novas descobertas, designadas por palavras estranhas como estas „Generator der Radiotelephonie in Königswusterhausen” (Gerador de radiotelegrafia em Königswusterhausen). Ao ler a notícia sobre esta nova invenção, o rádio⁷, adormece de cansaço, começando a sonhar com um desses aparelhos e a „filosofar” sobre a vida:

Besouros e mariposas zuniam e enchiam a casa noite adentro, vaga-lumes emitiam sinais luminosos de quando em quando e toda a vida ganhava uma plasticidade densa, resultado do humano querer-inventar e do querer-descobrir, pois, na verdade, basta um espiar, um escutar, um conhecer a natureza à nossa volta.
Assim também a técnica radiofônica.⁸

No sonho, pode ensinar na escola da linha 9a através do rádio, sem ter que desperdiçar duas horas no trajeto da viagem. E, assim, o sonho prossegue, e desdobra todas as fases imaginárias de uma aula ministrada através do rádio, em que sinais de assimilação da cultura local vêm à tona, como no seguinte passagem: „Barbaridade, nein – das ist zu viel” (barbaridade, não – isto é demais), p. 175.

Até que, ao acordar em meio ao sonho, encantado com a onírica técnica radiofônica, o professor derruba a pilha de cadernos e a tinta vermelha, e depara-se com a realidade.

O conto *Der Ein-Mil-Schein*⁹ (A nota de um mil), de cariz pedagógico, debruça-se sobre o dinheiro brasileiro. Uma nota de mil-réis é personificada e seu nascimento em Nova

⁶ - „Leonhard Heimer saß auf der Veranda seiner Amtswohnung. Ganz recht, Amtswohnung, denn Herr Leonhard Heimer war Lehrer der Schulgemeinde Dona Eulalia, Linie 9, und hatte die Verpflichtung, auch nachmittags Schule zu halten und zwar in Linie 9a.

Vor der Amtswohnung wipfelten dunkellaubige Laranjeiras neugierig zu dem jungen Schulmeister hin; der saß in seinem Faulenzer und las die Zeitung. Auf dem andreakreuzbeinigen Verandatisch lag ein Stapel Schulhefte und Lehrer Heimer hatte an der rechten Hand zwei anilinrote Finger. Algo korrigiert. Nun war er müde”. Id. Ibid., p. 173.

⁷ - As primeiras experiências de transmissão via rádio, feitas por Marconi, datam de 1895.

⁸ - „Käfer und Motten surrten und heimelten durch den Abend, Leuchtkäfer blinkten Signallichter hin und wider und alles Leben war eine gedrängte Anschaulichkeit von menschlichem Erfinden- und Ergründen-wollen und ist doch nur ein Abluschen, ein Erhorchen, ein Erkennen der Natur um uns. Und auch die Radiotechnik”. Loc.cit.

⁹ - Weber, Robert - Der Ein-Mil-Schein. Erzählung. In: *Kalender der Serra Post*. Ijuí, Ulrich Löw, 1928, p. 72-78.

Iorque é descrito como semelhante à criação de Adão a partir do barro. Seguem-se a sua reprodução em milhares de outras iguais, sua viagem rumo ao Banco do Brasil no Rio de Janeiro, o aparato do desembarque cercado de segurança máxima:

Quando, à sua chegada ao Rio de Janeiro, as sirenes começaram a uivar com clamor e zunido medonhos, ela também desejara uivar em unísono. Não tinha idéia do que lhe estava acontecendo. Soldados chegavam a bordo, soldados arrastavam caixas sem parar para dentro de carros grandes que, num átimo de segundo, arrancavam cantando pneus, diretamente para o grande edifício do Banco do Brasil, onde dezenas de homens estavam a postos com machados e alicates para abrir as caixas, e onde centenas de canetas surgiram para pintar um poderoso arabesco nas pobres notas de mil-réis, que parecia quase um nome.¹⁰

Era como se fosse um batismo. Nesta azáfama, estabelece-se até mesmo uma conversa entre as notas:

„O que você, realmente, gostaria de fazer a partir de agora?“ perguntou a nº 90.
„Eu?“ disse a nossa 89, „eu gostaria simplesmente de permanecer assim bonita e limpa como sou agora.“ – „Eu também“. - „Eu também“. Retrucaram a 88 e a 90, e também a 87 e a 91 acenaram concordando.¹¹

A partir de então, as notas são trancadas num armário até o dia de sua distribuição pelo país. Um tanto delas segue para o Rio Grande do Sul e, daqui, para o guichê do banco e para o bolso do mestre-escola, que recebe seu salário. Entre elas está a novíssima nota do título da narrativa, cuja vida pregressa nas mãos do professor também passa a ser contada. Até o dia que a nota vai parar a outro dono, e a outros mais, de todas as raças e classes sociais.

Agora, encontrava-se no punho de um homem forte, sentado com outros numa bodega, jogando. Cheiro de cachaça e de vinho, fumaça de tabaco e ar abafado não eram novidade para a nossa pequena, mas aqui havia algo a mais; não era só o ar

¹⁰ - „Als die Sirenen mit Juchzen und Brummen ganz fürchterlich zu heulen begannen, es war bei der Ankunft in Rio, da hätte er am liebsten mit eingestimmt. Von dem, was nun mit ihm geschah, hatte er ja keine Ahnung. Soldaten kamen an Bord, Soldaten schleppten die Kisten fort – fort in große Autos und flitzeflink sausten diese davon, schnurstracks in das große Gebäude des Banco do Brasil, wo mit Beilen und Zangen dutzende Männer bereit standen, die Kisten zu öffnen und wo hunderte Federhalter eingetaucht waren, um auf die armen Milreisscheine einen mächtigen Schnörkel zu malen, der fast wie ein Name aussah“. Id. *ibid.*, p. 72.

¹¹ - „'Ich?' sprach unsre 89, ‚ich möchte blos, daß ich immer so schön und sauber bleiben möchte, wie ich jetzt bin‘. – ‚Ich auch‘. – ‚Ich auch‘. Sprachen 88 und 90, und auch 87 und 91 nickten wunschvoll das gleiche“. Id. *ibid.*, p. 73.

abafado, enfumaçado. Havia um calor febril, uma atmosfera excitante...¹²

A nota experimenta a tensão das jogadas dos competidores, a cobiça, a briga, a tragédia. Nossa pequena heroína acaba debaixo do corpo fuzilado, sente um fio de sangue passar-lhe rente. É achada por um dos filhos do dono da bodega e passada adiante.

Depois de um ano, já nem dá para ler seu número de registro nas cores desbotadas. Acaba rasgada numa quermesse e, por fim, é recolhida de volta ao Banco Central para, depois de cumprida sua nobre missão, ser incinerada junto com muitas outras.

A narrativa *Schunkeľtrab*¹³ (O molejo do trote) começa com uma definição do termo que lhe dá título. Segue-se o relato de um caso passado com um alemão de Leipzig, Ottokar Neuland, escriturário, que um belo dia resolve vir ao Brasil uma segunda vez, dirigindo-se ao Rio Grande do Sul, mais precisamente, à Serra. O caso é contado por um narrador em tom bem-humorado mas muito irônico. O sr. Neuland, ao chegar à Serra, mostra-se já um pouco aclimatado ao Brasil, pois cospe no chão sossegadamente, mesmo em companhia de outras pessoas, e boceja ruidosamente com a boca escancarada, o que não faria, por exemplo, em Berlin. Na Serra, compra um cavalo para se locomover e, num domingo de manhã cedo, tenta montá-lo pela primeira vez cheio de empáfia. Depois de 10 minutos de tentativas, consegue, finalmente, alçar-se à cela do animal que, a uma palmada no lombo, se põe em andamento. O sr. Neuland, aos poucos vai ficando senhor da situação, tranqüiliza-se e consegue até relaxar as pernas. A certa altura, o cavalo pára para fazer suas necessidades e o sr. Neuland puxa do chicote para colocar o bicho em movimento. E este obedece, mas em vez de continuar com passo lento, começa a trotar, sem que o cavaleiro lhe consiga diminuir a velocidade. E, assim, trotando, o sr. Neuland enfrenta as curvas cada vez mais fechadas da estrada e, por fim, uma ladeira íngreme, a descer em posição bastante inclinada, até que, numa curva mais apertada, acaba caindo. Não se machuca, mas o acidente fá-lo sentir saudades da Alemanha, para onde voltará em breve, e onde passa a contar histórias terríveis e verdadeiras da floresta virgem, levando consigo algo da liberdade brasileira, ou seja, passa a cuspir no chão também lá.

¹² - „Er befand sich gerade in der Faust eines starken Menschen; der saß mit noch einigen andern in einer Bodega und spielte. Schnapps- und Weingeruch, Tabakrauch und stickige Luft waren unserm Kleinen nichts Neues, aber hier war noch etwas anderes, es war mehr wie qualmige, stickige Luft. Eine Fieberhitze, eine aufreizende Atmosphäre wars...”. Id. *ibid.*, p. 76.

¹³ - Weber, Robert - *Schunkeľtrab*. Erzählung. In: *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (Rotermund Kalender), São Leopoldo, Rotermund Verlag, 1928, p. 112-117.

*Zwei Kameraden*¹⁴ (Dois camaradas) é um pequeno texto que dá notícia de um outro caso ocorrido entre dois colegas no pátio da escola: os dois rapazes, Karl e Richard, envolvem-se numa disputa pela supremacia de quem observou o maior incêndio na colônia. O ardor da disputa faz com que as enumerações das cenas imaginárias acabem atropelando-se, sem que seja possível entender o que dizem. Era como se „de quando em quando se ouvissem citações do Götz de Goethe ou dos panfletos de Lutero, o que deveria ser engano, pois na idade dos dois camaradas as obras da literatura universal mal entram em questão“. ¹⁵ É o mestre-escola que vem pôr um término à briga, impondo aos dois contendores, como tarefa de casa, a cópia e a decoração de „Feuerbrunst“ (ardor do fogo) de Schiller, para a próxima semana, pensando possivelmente no poema „Das Lied von der Glocke“ (Canção do sino), onde o poeta alemão configura a imagem do ardor do fogo, o que acaba por tornar os dois rapazes amigos.

*Der Sandfloh*¹⁶ (A pulga) é uma fábula, cujas personagens são, como o título sugere os próprios insetos. A história começa com a instalação de uma pulga-macho no focinho de um porco que, após ter comido uma barrigada de pêssegos oferecida pelo colono, descansa, feliz, fazendo a digestão. Já a pulga-macho, sente-se inquieta. Em sua alma, apesar dos aromas das frutas passadas, explode a paixão. De repente, a seu lado, poussa uma saltitante jovem, pedindo desculpa pela perturbação causada, ao que a pulga-macho lhe retruca:

Senhorita, nada tenho a desculpar. Aqui, todos têm os mesmos direitos e, de resto, há mais senhores, senhoras e crianças neste focinho de porco. Repare como fervilham ali em cima nos orifícios nasais deste porco. Agora mesmo, acaba de sair de lá uma família.¹⁷

E, imediatamente a seguir à apresentação, os dois insetos acasalam-se, o que exige de imediato a construção de um ninho para a ninhada por vir. Entretanto, depois de sugar o

¹⁴ - Weber, Robert - *Zwei Kameraden*. In: *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (Rotermund Kalender), São Leopoldo, Rotermund Verlag, 1928, p. 223-225.

¹⁵ - „... hin und wieder meinte man Zitate aus Goethes Götz und Luthers Kampfschriften zu hören, was aber irrig sein mußte, da bei dem jugendlichen Alter der beiden Kameraden wohl kaum Werke der Weltliteratur in Frage kommen“. Id. *ibid.*, p. 225.

¹⁶ - Weber, Robert - *Der Sandfloh*. Fabel. In: *Volk und Heimat. Jahrbuch des Deutschtums in Brasilien*. São Paulo, Verlag Deutscher Morgen, 1939, p. 206-208.

¹⁷ - „Mein Fräulein, ich habe nichts zu entschuldigen. Hier hat jeder dasselbe Recht und übrigens sind noch mehr Herren, Damen und Kinder auf dieser Schweineschnauze. Sehen Sie nur hinüber zu den Nasenlöchern dieses Schweines, da wimmelt es. Soeben ist nämlich eine Familie ausgekrochen“. Id. *ibid.*, p. 206.

sangue do porco, a jovem esposa desaparece, obrigando o marido a procurá-la. Na busca, depara-se ele com outra jovencinha que parecia estar à sua espera, para abraçá-lo. O segundo acasalamento é inevitável. E, também agora, a construção de um ninho para a ninhada por vir faz-se necessária. Mas esta segunda esposa, uma nobre, ao contrário do marido, é viajada, conhece outras paragens, e não suporta ficar no porco. O marido segue-a, embora com dificuldades de locomoção, caindo no mundo, isto é, numas calças de colono. Aflito, chama pela mulher: „Onde está você? – Alô!“. E ela: „Aqui em baixo, aqui, aqui!”¹⁸ A pulga-macho, de um pulo, a ela se junta nuns chinelos de couro e os dois penetram juntos até o dedão do pé do colono, onde ela pica e suga sangue, para desaparecer em seguida. Deixado novamente sozinho, o macho fica irritado ao perceber a inutilidade de sua viagem. Não compreende as fêmeas.

O colono picado arranca o chinelo à procura do bicho, chama a filha para ajudá-lo e esta, ante o olhar pasmado da pulga-macho, espeta-lhe a amada com uma agulha e a traz à vista de todos. Correndo perigo, trata ele de voltar ao porco de onde saíra e onde a primeira esposa, plebéia, chocava a ninhada promissora. Moral da fábula: para sua segurança respeite seus limites e os de sua classe social.

*Die Frösche. Tiergeschichte*¹⁹ (As rãs. História de animais) começa assim:

Às margens da lagoa comprida estendida lá em baixo no vale à luz crepuscular viam-se pequenos arbustos e gramíneas, aliviados, depois do curso de um dia de vento quente. Cada grânulo de terra ainda irradiava a canícula e cada fissura e fenda na superfície seca da terra retinia, palpável, o calor armazenado.

No morro mais baixo, erguia-se, escuro, um pinheiro de amplos ramos contra o pálido semi-círculo da lua. Mal se ouvia o movimento da copa da solitária sentinela do lago. No entanto, contra o fulgor do luar, viam-se perfeitamente as moitas espinhentas balançarem. Assim como uma pessoa, depois de uma dificultosa subida íngreme, se liberta, aliviada, da sobrecarga dos pulmões pela boca ofegante, assim também se ouvia o balouçar e a respiração da escura árvore crenulada e espinhosa na colina.

Então, coaxou uma rã.

Coaxou?

Não, ela bocejou, arrotou e riu, tudo bem em seqüência, escrachadamente.

¹⁸ - „Wo bist du? – Hallo! Komm herunter, hierher, hier!” Id. *ibid.* p. 207.

¹⁹ - Weber, Robert - *Die Frösche. Tiergeschichte*. In: *Volk und Heimat. Jahrbuch des Deutschtums in Brasilien*. São Paulo, Verlag Deutscher Morgen, 1939, p. 208-210. Também in: *Brasil-Post* 12.08.2005, p. 11.

Como se à noite quente de verão só faltasse uma voz de rã – apenas agora se completava a serena imagem brasileira à luz do luar nos últimos raios do crepúsculo.²⁰

Então, uma rã gorda, um tanto arrogante, fica em evidência à beira do lago. Logo, chega mais uma, seca e musculosa, que enceta conversa com a primeira, mas com timbre dissonante e, por isso, é ignorada.

Chega uma terceira que, „conversa” também com um timbre de voz diferenciado, e uma quarta a completar a sinfonia babélica instalada.

In medias res, o narrador assume sua voz com seguinte comentário:

E, então, de repente, ocorrem-me as palavras ditas pelo Christoph, da picada grande, que tanto me fizeram rir, ao estabelecer que, realmente, havia rãs católicas e rãs evangélicas, as primeiras coaxariam „papa” e as outras „luter”.²¹

Em seguida, uma outra rã junta-se ao quarteto anterior, às margens da lagoa. Cessa o barulho e o grupo fica petrificado, ao perceber o coaxar absolutamente normal deste quinto elemento. Passado o primeiro espanto, exclama uma das rãs: „Que maravilha! Simplesmente como a criadora natureza, aqui presente, manda. Uma rã que coaxa!”²²

Desloca-se, então, um besouro da copa do pinheiro. Enquanto todas as outras recomeçam a algaraviada de vozes, em barulheira ensurdecadora, a rã normal estica a língua e capta o besouro, engolindo-o com inteira naturalidade, ante o pasmo das demais. Moral da história: Só atinge seu objetivo quem nele está focado.

²⁰ - „An der langgestreckten Lagoa unten im abenddämmerigen Kamptal standen die Stauden und Gräser aufatmend nach des Tages glutwindigem Ablauf. Das Erdreich strahlte noch aus jedem Krümel die Hitze wider und aus den Spalten und Rissen der trockenen Erdflecke glostete fühlbar die aufgespeicherte Wärme.

Auf niederem Hügel stand eine weitausladende Pinie schwarz gegen des Mondes bleiches Halbrund. Die Krone des einsamen Wächters am Weiher wogte kaum hörbar – doch gegen des Mondes Lichtschimmer sah man die Stachelbüschel merklich auf- und niederschwingen. Wie ein Mensch nach beschwerlichem bergsteilem Aufstieg wohl mit prustendem Munde den Ueberdruck der Lungen erleichtert freigibt, so war das Wogen und Atmen des schwarzzackigen und stachligen Baumes auf dem Hügel anzuhören.

Da quakte ein Frosch.

Quakte?

Nein, er gähnte, rülpste und lachte, alles schön breit hintereinander, zeitfüllend breit.

Als ob dem sommerwarmen Abend nur noch eine Froschstimme gefehlt hätte – jetzt erst war das ruhige, durch Mondglanz und letzten Abendschein im Zwielflicht stehende brasilianische Bild vollkommen”. Id. *ibid.* p. 208.

²¹ - „Und dann fällt mir plötzlich ein, was der Christoph aus der langen Pikade gesagt hat, und worüber ich hell gelacht hatte, dass es nämlich katholische und evangelische Frösche gebe, von denen die ersteren „Papst“ und die andern „Luther“ rufen würden”. Id. *ibid.* p. 209.

²² - „Wunderbar einfach und übereinstimmend mit der Natur, die hier formt und schafft: ein Frosch, der quakt”. Id. *ibid.* p. 210.

Em „*Fritze*” *ein Affenleben*²³ („Fritze” uma vida de macaco), o narrador começa por pedir desculpas pelo exagero de detalhes na descrição da cena, que é objeto do texto, e pelo fato de tentar publicar uma biografia de macaco, que pode parecer muito estranha ao leitor.

Entretanto, Fritze, esse é o nome do macaco „biografado”, é uma alegria para quase todos quantos têm contato com ele e, assim, se justifica a iniciativa do narrador. Depois das desculpas, a narrativa é situada no tempo e no espaço. Os acontecimentos passaram-se há mais de 50 anos na recém-fundada colônia de Erechim, hoje chamada de Getúlio Vargas. Nessa época, sendo mestre-escola, o narrador costumava receber toda a sorte de presentes exóticos, provenientes tanto da fauna, quanto da flora brasileiras. Certa vez, chega-lhe a casa uma caixa com a inscrição „coati”. Ao abrir a caixa, na presença de alguns alunos, de lá salta um gambá, o que faz as crianças rirem com vontade.

Porém, o macaco a que o título se refere, foi por ele comprado na loja do padeiro da cidade que, por sua vez, o adquirira de um colono oriundo da região de Berlin, que o havia batizado de Fritze. Como a esposa do padeiro não suporta o bicho, este acaba comprado por alguns milréis pelo nosso professor. Em suas mãos, o animal ganha mais privilégios: uma corrente mais longa e uma casota empoleirada sobre uma haste no meio do galinheiro.

Todos os movimentos do animal, haste acima e haste abaixo, sua simpatia para com os animais domésticos, sua antipatia face aos bichos selvagens, são descritos em pormenor pelo dono, denunciando um de seus passatempos.

Nas frias noites de inverno, é levado para dentro de casa, onde se acomoda num canto e faz amizade com os gatos.

Uma das artes, que o esperto macaco gosta de aprontar, para deleite do professor e de alguns de seus alunos, consiste em descer, por altura da alimentação das galinhas e pegar uma porção de grãos de milho que leva para cima. Alguns ele mordisca, os outros guarda para mais tarde, quando já não há mais ração e ele, então, deixa cair grão a grão o cereal, de modo a ver como as galinhas se engalfinham para comê-lo. Aproveita esta situação também para apanhar alguma ave, que observa atentamente, e arrancar-lhe penas.

²³ - Weber, Robert - „Fritze” ein Affenleben (Tiergeschichte) („Fritze” uma vida de macaco – História de animais). In: *Serra-Post Kalender*. Ijuí, Ulrich Löw, 1973, p. 169-173.

Isso fazia-me lembrar das figuras dos pequenos garotos africanos que, sentados sobre as caixas de esmolas nas missões, começavam a acenar em agradecimento, quando alguém jogava uma moeda na caixa.²⁴

Muitas outras traquinices do macaco são descritas. Contudo, o animal tem um fim trágico: durante a noite, em meio a uma tempestade de verão, sua casota é arrancada pelo vento, tendo ele sofrido lesões internas, que o levam à morte, apesar dos cuidados de seu dono, que nunca conseguiu esquecê-lo.

*Zahnziehen, damals*²⁵ (Extração dentária outrora) já assinala, a partir do subtítulo „es erinnert sich Robert Weber” (Robert Weber recorda), que se trata de uma reminiscência do autor. Aliás esta reminiscência obtém duas publicações: uma no *Serra-Post Kalender* de 1973, e outra no *Jornal Brasil-Post* de 21 de julho de 1995, com o título modificado para *Zahnziehen, anno dazumal. Erzählung (Extração dentária no tempo do onça. Conto)*, portanto, uma publicação póstuma, já que o escritor falece em 1975. Antes do começo da história, há uma informação em itálico, como se fosse uma epígrafe, para orientar o leitor. Consta dessa informação o seguinte: „Tempo e lugar da ação: durante a Primeira Guerra Mundial na Serra Riograndense, na região da outrora recém-fundada colônia de Erechim”²⁶.

Três pessoas – um padre, um pastor evangélico e um jovem professor, que é o próprio autor/narrador – estão sentados num alpendre, à luz de um lampião a querosene, jogando cartas (Skat). No primeiro parágrafo, para descrever a paisagem do lugar, percebe-se a necessidade de recorrer aos cheiros das montanhas do Harz, na Alemanha, embrenhados na memória, e, ao mesmo tempo lançar mão de híbridos, como „Vinho-Tinto-Garrafão” para dar conta do espaço físico dividido. Estas três personagens costumam reunir-se para jogar e para ouvir as notícias da guerra. Desta vez, porém, o nosso autor/narrador está atormentado por uma dor de dentes, que tentou tratar com toda a sorte de mezinhas nos últimos dias, já que o dentista mais próximo encontrava-se na distante povoação de Passo Fundo. Sinais da intensidade da dor podem ser percebidos na falta de atenção ao jogo e no inchaço da bochecha. Diante da situação, o padre sugere que se arranque o dente, pois havia-lhe acontecido coisa semelhante na

²⁴ - „Hierdurch erinnerte er mich an die kleinen Afrikanerboys-Figuren, die auf den Opferkästen in den Missionshäusern drüben sitzen und die dankbar zu wippen anfangen, wenn man einen Groschen in den Kasten wirft”. - Id. *ibid.* p. 172.

²⁵ - Weber, Robert - *Zahnziehen, damals*. In: *Serra-Post Kalender*. Ijuí, Ulrich Löw, 1973, p. 169-173.

²⁶ - „Zeit und Ort der Handlung: Während des ersten Weltkrieges auf der riograndenser Serra im damals neuen Koloniegebiet Erechim”. Id., *ibid.*, p. 87.

semana que passara, e a Dona Angélica, italiana corpulenta e resoluto, dona do boteco na praça, tinha-lhe resolvido o problema.

Premido pela dor, nosso autor/narrador para lá se dirige na companhia dos amigos. Depois de observar rapidamente o dente, Dona Angélica traz ao recinto uma garrafa de cachaça, um copo, um lençol, um balde e uma pinça gigantesca, que mais parecia oriunda de uma câmara de torturas medieval. Com a ingestão de enorme quantidade de cachaça, logo a dor amaina. Num átimo, a italiana arranca o molar de três raízes. Seguem-se gemidos e bochechos com mais cachaça e, por fim, a inserção de um chumaço de algodão no sulco aberto. E, assim, termina a operação, sem infecções, sem antibióticos; apenas com cachaça e vinho que, além, de funcionarem como remédio, são tomados com prazer. Trata-se da narração de um episódio pitoresco a enformar a atmosfera solidária e a situação precária da comunidade de imigrantes há algumas décadas atrás no interior do Brasil.

Die Gottesanbeterin. Tiergeschichte (A louva-a-deus. História de animais) é um texto inédito, arquivado na biblioteca do Instituto Martius-Staden. Trata de uma louva-a-deus, quedada numa folha de rícino, à noite na floresta, a emitir leve som estridulante, intermitente, mas penetrante:

Cristalino era seu canto; parecia um clamor. Imediatamente, um zumbido se fez presente e, sobre ela, surgiu o esperado, o eleito, que, agora, se abeirava em espirais cada vez menores, até pousar, flexível, o corpo no rebordo extremo da folha. „Finalmente, você chega, meu amor!“ Entoou ela, aproximando-se dele.²⁷

Mas o macho, ao deparar-se com a libélula sedutora, repara primeiro no seu descomunal tamanho – duas vezes maior que ele! Um arrepio percorre-lhe o corpo, ao sentir as pinças da bela sobre o pescoço. Não lhe resta alternativa senão entregar-se. Sem possibilidade de se libertar do abraço fatal, logo é picado na cabeça e morre bem na noite de núpcias. Então, a libélula devora o macho com vagar, desprezando as asas mal-saborosas e as pinças duras, evidências únicas do final trágico de uma criatura, sujeita e submetida à implacabilidade das leis eternas.

²⁷ - „Sie zirpte hell; es war wie ein Aufschrei. Sogleich surrte über ihr der Erwartete, der Ersehnte, der sich jetzt in immer enger werdender Spirale näherte und dann seinen Leib auf dem äussersten Rand des Blattes federnd aufsetzte. ‘Endlich kommst du, Liebster!’ sang sie und kam ihm näher”. Id., p. 1.

O poema „Kinderfreude”²⁸ (Alegria infantil) trata do riso de uma criança enformado em belas imagens de luz, de alegria e de divina pureza, em duas estrofes de 8 versos de 5 sílabas em rimas cruzadas.

O soneto „Abendstern”²⁹ (Estrela vespertina) é um soneto em louvor ao pôr-do-sol resplandecente de dourados.

O poema „Einseitiger Serrawinter”³⁰ (Inverno serrano faccioso), de 5 estrofes de 8 versos de 8 sílabas em rimas cruzadas, trata da consubstanciação de uma moça, supostamente colona, de nome Diamantichen (Diamantinha). É uma adolescente de 15 anos, ruiva, de estatura graciosa, cabelos presos em tranças que, apesar da beleza, tem passado despercebida, porque até agora tem estado recolhida ao aprendizado da nobre arte dos afazeres domésticos: descascar batatas, descaroçar ameixas, estufar frangos, assar bolos, lavar a louça, rachar lenha, correr de manhã à padaria para buscar pães e doces para o café da manhã. E, numa gelada manhã de inverno, corre às meias compridas para se proteger do frio, mas veste as duas meias na perna direita, deixando a esquerda sem proteção para que as sardas possam olhar a luz do dia. O padeiro, ao ver tal coisa, chama a sua atenção, ao que a „mais preciosa das pedras preciosas” retruca em dialeto, não ter frio na perna esquerda, apenas na direita.

O poema „Der erste Kolibri”³¹ (O primeiro colibri), de 16 quadras de versos alternados de 8 e 6 sílabas em rima cruzada, como o título já sugere é dedicado à criação do colibri. Recua-se aos primórdios do universo, quando só Deus existia e se movia para lá e para cá, fazendo e refazendo o plano do mundo. No quinto da dia da criação, podia-se ver na imensa mesa divina um desenho portentoso, junto a vários potes com tintas de diversas cores. Primeiro, Deus criou/pintou o pardal, a cacatua, o frangote e estorninho e, depois, todos os outros pássaros. Foi então que segurou o colibri em sua mão e observou que o bico era grande demais para corpinho tão franzino. Mas a pequena criatura não gostou

²⁸ - Weber, Robert - Kinderfreunde. In: *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul (1824-1924)*. Porto Alegre Verband deutscher Vereine/Typographia do Centro, 1924, p.398.

²⁹ - Weber, Robert - Abendstern. In: *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul (1824-1924)*. Porto Alegre Verband deutscher Vereine/Typographia do Centro, 1924, p.398.

³⁰ - Weber, Robert - Einseitiger Serrawinter. In: Verband deutscher Vereine (ed.) - *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul (1824-1924)*. Porto Alegre Typographia do Centro, 1924, p.398.

³¹ - Weber, Robert - Der erste Kolibri. In: *Kalender der Serra Post*. Ijuí, Ulrich Löw, 1926, p. 165-166.

da observação e ficou zangada. Deus, então, condeu-se e resolveu agradá-lo, mergulhando-o em novas tintas reluzentes e esplendorosas, dando-lhe o colorido que hoje conhecemos.

O poema „Ein Vögelein auf dem Zaune”³² (Um passarinho na cerca) é composto de cinco quadras de versos alternados de 8 e 6 sílabas também em rima cruzada, que dão forma à vivência de um mestre-escola diante do gorjeio de um passarinho em cima da cerca, que o liberta, por momentos, do trabalho e o insere na paz relaxante da natureza.

A composição „Am Bach”³³ (No riacho), de sete sextilhas de versos de 6, 2, 6, 4, 8 e 8 sílabas em rimas cruzadas e, nos dois últimos versos, encadeadas, configura o passeio de dois rapazes perto de um riacho, cantarolando doces canções, evocando a vida despreocupada ao ar livre .

O pequeno poema „Roden”³⁴ (Arrotear), de três quadras de versos de 6 sílabas em rimas cruzadas, relembra a luta dos colonos para dominar a floresta e torná-la cultivável, luta essa acompanhada por muito sofrimento e dor, que fazem parte do *pathos* do imigrante alemão em terras brasileiras.

„Moderne Fabel”³⁵ (Fábula moderna) é um longo poema de cento e três versos livres, por vezes, com rimas encadeadas, e onomatopéias, a criarem uma atmosfera que deverá envolver o leitor, e que dá forma a uma fábula protagonizada por um caracol-fêmea e por um gafanhoto-macho. Arrasta-se o caracol vagarosamente por cima das pedras em direção ao riacho no vale, quando, de repente, um gafanhoto pousa perto dele e lhe dá bom dia, percebendo que os dois se dirigem ao mesmo lugar. O caracol retribui o cumprimento e aproveita para se queixar das pedras e das curvas do caminho. Então, o gafanhoto convida-o a saltar para andar mais depressa. Mas o caracol assegura que é melhor manter sua vagarosidade. Inconformado com a lerdeza do caracol, o gafanhoto pergunta-lhe se já ouviu falar de máquinas que voam, que se deslocam velozmente pelos ares sem caírem, mesmo carregando as pessoas mais gordas. E o caracol, encantado,

³² - Weber, Robert - Ein Vögelein auf dem Zaune. In: *Kalender der Serra Post*. Ijuí, Ulrich Löw, 1926, p. 177.

³³ - Weber, Robert - Am Bach. In: *Kalender der Serra Post*. Ijuí, Ulrich Löw, 1927, p. 74.

³⁴ - Weber, Robert - Roden. In: *Kalender der Serra Post*. Ijuí, Ulrich Löw, 1927, p. 82.

³⁵ - Weber, Robert - Moderne Fabel. In: *Kalender der Serra Post*. Ijuí, Ulrich Löw, 1927, p. 156-158.

confessa que gostaria de experimentar. O gafanhoto, vangloriando-se de sua estatura e de suas habilidades, comporta-se como um narciso e convence o outro a modernizar-se, a deixar-se segurar por suas asas e a alçar vôo. Partem os dois e, depois de algum tempo, o caracol já mal suporta a dor do medo e do aperto a que está submetido. O gafanhoto, por sua vez, não agüenta mais o peso do caracol. E o desastre não tarda: cai o gafanhoto, exausto, sobre uma folha, o que salva os dois do afogamento. Com a experiência, o caracol aprende a lição e nunca mais se deixa tentar a voar, permanecendo sempre em sua casa. A fábula ensina o respeito aos próprios limites e aos limites do outro.

„Das Geschenk”³⁶ (O presente) é um poema de quatro sextilhas de versos curtíssimos (entre duas e três sílabas métricas) e rimas irregulares, com a estrutura de uma adivinha, em que se vão dando características de uma criança, de uma alma pura.

A composição „Dischkurs´ beim Tee”³⁷ („dischcurso“ na hora do chá), tem por título um trocadilho: dis(disch)+kurs (discurso). A pronúncia da consoante „s”, de sibilada, passa a chiante, e remete para a palavra inglesa „dish” que significa prato de comida. Na verdade, todo o poema trata de alimentos, numa construção composta por 15 estrofes de seis versos cada, em rima cruzada nos dois primeiros e encadeada nos dois últimos. O poema dá notícia de uma conversa em dialeto, onde são visíveis os sinais de hibridização (Batate, Milho, Cuja, Bomba) entre seis colonos: Schwong de Lageado, Karl de Formeck, Balduin Schmalzig de Gauereck, Fritz de Berlim, Hiasl de Munique e Fridolin de Viena. Cada um deles gaba-se de suas habilidades agrícolas: Schwong colhe a maior colheita de batatas da região, que dá para um regimento de soldados; Fridolin aprendeu a produzir milho de oito metros, de modo que é necessária uma escada para colher as espigas; Karl cria porcos tão gordos e pesados que precisam de carrinho de rodas para carregá-los; Hiasl planta gigantescas searas de lúpulo; Balduin consegue feijões pretos como ninguém. Só Fritz não fala de suas proezas e, ao ser instado a fazê-lo, declara que ser colono no Brasil é uma coisa horrível em comparação com a Alemanha. Aqui ele tem que fazer tudo: plantar, semear, limpar, debulhar, cuidar da

³⁶ - Weber, Robert - Das Geschenk. In: *Kalender der Serra Post*. Ijuí, Ulrich Löw, 1928, p. 114.

³⁷ - Weber, Robert - 'Dischkurs´ beim Tee. In: *Kalender der Serra Post*. Ijuí, Ulrich Löw, 1928, p. 120-122.

criação de aves, mas também perder as colheitas por causa de chuvas irregulares, e cuidar da família.

O poema „Optimist und Pessimist”³⁸ (Otimista e pessimista), composto por seis sextilhas de rimas intercaladas, integra-se às fábulas. Duas rãs cantam em dueto, uma mais para soprano, outra mais para baixo. Estão sentadas na borda de uma tijela que contém um mar de leite branco e nele pulam e se saciam até não mais poder. Quando tentam voltar à borda, escorregam e esforçam-se por se manter à superfície. Uma desiste e morre afogada. A outra continua se debatendo e, de tanto bater as pernas, forma à sua volta manteiga dura que lhe permite fincar as patas, pular para fora e salvar-se. A moral da história é conhecida: faça do limão uma limonada, ou transforme os obstáculos em incentivos para vencer.

O poema „Das Täubchen”³⁹ (A pombinha) é composto de seis quadras, de rima cruzada, configurando uma vivência do eu do poema, que viu uma pombinha branca, cansada do primeiro vôo, resvalando do telhado e caindo à sua frente, tendo-a recolhido em suas mãos e ajudado a alçar novo vôo.

„Zu spät”⁴⁰ (Tarde demais) é uma composição de 3 estrofes de oito versos cada, com rimas cruzadas. Trata este poema de um filho jovem e de um pai que se dirigem ao campo, aquele assobiando alegre, este já com pernas cansadas e trôpegas. De repente, o pai tropeça numa pedra, porque já não consegue mais levantar a perna, e machuca o pé, pelo que é ajudado pelo filho, que não conseguiu evitar o acidente.

O poema „Ohne Fachkenntnis”⁴¹ (Sem conhecimento técnico) é composto por dez estrofes de oito versos cada, com rima cruzada. Diz o poema que, comparativamente, é mais lucrativo para o colono criar porcos do que aves, enquanto as crianças se interessam ou por cavalos, ou por cães, ou por gatos, ou por ratos brancos, ou por passarinhos. Do geral, passa-se à singularidade do compadre do eu do poema, que, já há algum tempo no Brasil, decidiu-se pela criação de gansos, começando com dois ovos,

³⁸ - Weber, Robert - Optimist und Pessimist. In: *Kalender der Serra Post*. Ijuí, Ulrich Löw, 1928, p. 166-167.

³⁹ - Weber, Robert - Das Täubchen. In: *Kalender der Serra Post*. Ijuí, Ulrich Löw, 1929, p. 185.

⁴⁰ - Weber, Robert - Zu spät. In: *Kalender der Serra Post*. Ijuí, Ulrich Löw, 1930, p. 125.

⁴¹ - Weber, Robert - Ohne Fachkenntnis. In: *Kalender der Serra Post*. Ijuí, Ulrich Löw, 1931, p. 81.

que deram origem a dois animaizinhos, que haveriam de criar e aumentar o bando. Mas houve dificuldades com a distinção entre os gêneros, pois não se viam ovos e não se sabia como distinguir macho de fêmea. Nisso, os vizinhos foram chamados, mas não ajudaram muito. Foi um pomerano que, passando pela cerca, se espantou com os machos passeando e aconselhou a comprar fêmeas.

„Endlich frei”⁴² (Finalmente livre) é um poema de três septilhas de rimas intercaladas e dois refrãos. Trata esta composição de uma tempestade na floresta: recria o movimento do vento que estraçalha os galhos dos pinheiros, do clarão do raio que incendia as árvores e da destruição que resta. O que hoje seria recebido como agressão ao meio-ambiente, era visto pelos colonos como ajuda dos céus à sua luta por domar e ganhar a floresta, por torná-la arável. Talvez até púdessemos ler neste espaço conquistado à floresta o conceito alemão de „espaço vital” (Lebensraum)⁴³.

„Der Pirigitt. Fabel”⁴⁴ (O periquito. Fábula) é um longo poema. Apresenta esta fábula duas partes: uma composta de 11 estrofes irregulares de versos livres (11, 18, 11, 9, 8, 6, 13, 10, 9, 8, 7 respectivamente), dedicada à voz do fabulador; outra formada por 5 duetos de octossílabos rimados, a enformar a canção do periquito observado pelo poeta. O eu desta fábula contempla a floresta paradisíaca que cobre a região serrana do sul do Brasil e inebria-se em sua beleza de perfumes e cores. Consta que é impossível alguém sentir-se solitário neste esplendor. Reconhece em profundidade o poder do Criador e sente mais paz aqui do que em qualquer catedral. Lembra-se de uma noite inesquecível, em que vivenciou o sublime na aproximação de uma tempestade tropical a produzir cores cambiantes de beleza invulgar, até que o dia foi transformado em noite, o paraíso em desolação absoluta, o êxtase em sofrimento. Passada a tempestade, eis que ouve inesperadamente um assobio vindo de um periquito – papagaio pequeno -, pousado num coqueiro, pavoneando-se para ser apreciado e para atrair a fêmea. Juntos a cantarem mostram que a vida sempre começa de novo. Moral da história: Na natureza sublime não há lugar para queixas, só para canções e recomeços.

⁴² - Weber, Robert - Endlich frei. In: *Kalender der Serra Post*. Ijuí, Ulrich Löw, 1932, p. 106.

⁴³ - A teoria do “espaço vital”, esboçada no século XIX no campo da geopolítica, foi popularizada por Arthur Moeller van der Bruck a partir de 1930, considerando uma condenação constranger o povo alemão, à época constituído por 60 milhões de indivíduos, numa extensão territorial insuficiente à sua sobrevivência/prosperidade.

⁴⁴ - Weber, Robert - Der Pirigitt. Fabel. In: *Kalender der Serra Post*. Ijuí, Ulrich Löw, 1955, p. 85-89.

„Erschlagen”⁴⁵ (Abatida) é o título de um poema de 18 quadras de versos decassilábicos de rima cruzada. Canta, em linguagem vigorosa, o esforço insano do colono para derrubar a machadadas uma árvore da floresta: „O velho gigante bambeia e, triscando, estala”⁴⁶. Observe-se o uso das fricativas em „schwankt” a sustentar o movimento impregnado no balanço da árvore e as oclusivas de „knisternd” e „kracht” a reproduzir as pequenas explosões de ar contidas no barulho produzido pelo lascar do tronco. Ao cair, entretanto, a árvore acaba por atingir o colono e provocar uma tragédia, onde há 2 assassinos e 2 assassinatos (a árvore e o camponês).

„Blick in den Wald”⁴⁷ (Vista da floresta) é uma poesia de 3 estrofes de 8, 12 e 9 versos, respectivamente, com rimas, ora interpoladas, ora emparelhadas, ora cruzadas, a serviço da exaltação da beleza da noite, uma „serena noite de brilho estelar”⁴⁸, no hemisfério austral, marcado pela constelação do „Cruzeiro do Sul” (das Kreuz des Suedens), na floresta esplendorosa. Na natureza e no poema, cria-se uma atmosfera de serenidade, um *locus* de onde Deus fala aos indivíduos. A natureza presentificada na floresta que, por sua vez, se impõe na poesia, oferece ao eu-lírico tudo o que ele precisa. Basta olhá-la para todo o sofrimento se esvanecer ante a proximidade das origens e da divina presença.

„Zwei Bäume”⁴⁹ (Duas árvores) na floresta dão ensejo à escritura de um poema de 7 quadras, de versos de 8 sílabas em rima cruzada. A composição é dividida por um traço longo em três partes: a descrição de um quadro paisagístico, composto pelas três primeiras estrofes, a mudança do quadro ocorrida na quarta estrofe, e a descrição da nova cena nas três últimas estrofes. O eu-lírico encanta-se com a pujança de um pinheiro no auge de sua força vital. Observa-o atentamente e percebe que, encostada a ele, há uma outra árvore, de porte nobre, mas envelhecida. No lugar onde os galhos se encontram e se entrecruzam, pululam parasitas, que ali abriram uma ferida, e a enfeitam de coloridas flores vistosas. Anos e anos serviu o pinheiro de suporte à velha árvore, até que, um certo dia, e apesar da nobreza do gesto, faltam-lhe as forças, corroídas pelos

⁴⁵ - Weber, Robert - Erschlagen (Abatida). In: *Serra-Post Kalender*. Ijuí, Ulrich Löw, 1956, p. 114-115.

⁴⁶ - „Der alte Riese schwankt und knisternd kracht”, id. *ibid.* p. 115.

⁴⁷ - Weber, Robert - Blick in den Wald (Vista da floresta). In: *Serra-Post Kalender*. Ijuí, Ulrich Löw, 1956, p. 201.

⁴⁸ - “Stille, sternhelle Nacht”, p.201.

⁴⁹ - Weber, Robert - „Zwei Bäume” (Duas árvores). In: *Kalender der Serra Post*. Ijuí, Ulrich Löw, 1957, p. 57.

parasitas, e sucumbe a uma tempestade. Restaram apenas os troncos onde os mesmos parasitas e suas belas flores continuam a habitar. A efemeridade do gesto sublime do pinheiro enche o eu-lírico de tristeza.

„Zum Volkstrauertag”⁵⁰ (Dia de luto popular) é um poema triste. O eu do poema evoca, diante de três retratos, algumas cartas amaralecidas e flores frescas, a morte do irmão no front de batalha, a morte da cunhada soterrada em seu lar pelas bombas, e a morte do sobrinho, filho único, às portas de Budapeste, e alça estas três figuras à condição de representantes dos milhares de mortos silenciados em várias línguas pela guerra, perguntando ao leitor se se pode interpretar o sentido de tantas mortes, e deixando um apelo pleno de *pathos*: por que não se alcança a paz na terra?

„Serra Frühling”⁵¹ (Primavera serrana) é um longo poema de 20 estrofes (2 septilhas, seguidas por 10 quadras, 4 quintetos, uma septilha e 3 quadras). Também não há regularidade na metrificação dos versos, nem no esquema das rimas, como que a mostrar os incessantes movimentos de transformação ocorridos na natureza com a passagem das estações do ano. Trata-se de uma poesia dedicada à configuração da primavera, desde o momento em que os botões ainda se encontram fechados, que as cercas ficam verdes, as águas do riacho baixam, as borboletas ainda não se fazem presentes, mas os pequenos passarinhos já romperam os ovos e fazem grande alarido nos ninhos, anunciando-a. Então os botões abrem-se, os passarinhos soltam-se pelos céus e só se ouvem os seus trinados e os zunidos das vespas. Até os tojos florescem, a grama reverdece às carícias do sol. O mundo fica colorido e perfumado também no jardim de prímulas e violetas; nada há mais bonito. Não é possível ficar em casa e o chamado ao andarilhar é ouvido pelo eu do poema, que passa a sentir-se criança. Porém, é no lugar mais belo que o eu lírico também se dá conta de sua solidão.

„Heimat, so fern und nah”⁵² (Torrão natal, tão longe, tão perto) é um poema de uma única estrofe de 40 versos de 7 sílabas (populares redondilhos maiores) em rima cruzada. Trata-se de uma composição de cadência familiar, porque comum entre nós, a

⁵⁰ - Weber, Robert - Zum Volkstrauertag (Dia de luto popular). In: Brasil-Post, 14.11.1970, p. 5

⁵¹ - Weber, Robert - Serra Frühling (Primavera serrana). In: *Serra-Post Kalender*. Ijuí, Ulrich Löw, 1971, p. 15-116.

⁵² - Weber, Robert - Heimat, so fern und nah (Torrão natal, tão longe, tão perto). In: *Serra-Post Kalender*. Ijuí, Ulrich Löw, 1973, p. 115.

expressar a saudade pungente do torrão natal, do passado do outro lado do mar, que não mais será revisto. Não basta o querer, pois este não constrói pontes; o querer cria esperanças que, se não concretizadas, aprofundam o sofrimento. Entretanto, criar os filhos dentro da virtude e da lealdade alemãs possibilita (re)ver a pátria (a velha e a nova em simultâneo – a pátria do imigrante) pelos seus olhos .

„Muttersprache”⁵³ (Língua mãe) é uma pequena composição de três quadras de versos octossilábicos em rimas interpoladas a reconhecer a importância da língua materna de Jesus, aquela que deu expressão à sua mortal dor, anunciada numa epígrafe extraída do Evangelho de Mateus 27, versículo 46:

E por volta da hora nona Jesus gritou: „Eli, Eli, lama asabthani?” Que significa: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?⁵⁴

„Der Mensch experimentiert”⁵⁵ (O indivíduo experimenta) é um poema composto por 4 oitavas e uma quadra, de versos septilábicos brancos, alguns em rimas interpoladas, a invocar a figura insatisfeita e arrogante de Fausto, ansioso por tudo saber e por tudo dominar: micro e macrocosmo. Também hoje, constroem-se máquinas que modificam o ser humano, produzem-se computadores, dobram-se as velocidades, viaja-se à Lua e a Vênus, percorrem-se todos os países da Terra, criam-se fórmulas que traduzem a vida. Entretanto, nunca se poderá implantar em micróbios nem consolo, nem orgulho, nem honra, amor, sofrimento, alegria de viver ou dignidade – o mistério da vida.

„Moritz von Nassau’s Abschied von Brasilien”⁵⁶ (A despedida do Brasil de Maurício de Nassau) é uma produção poética de estrutura e desenho gráfico curiosos. A um texto introdutório, em prosa, constituído por quatro parágrafos, segue-se, então, um poema de onze estrofes. Cada estrofe compõe-se de uma quadra de versos longos, de catorze

⁵³ - Weber, Robert - Muttersprache (Língua mãe). In: *Serra-Post Kalender*. Ijuí, Ulrich Löw, 1973, p.228.

⁵⁴ - „Und um die neunte Stunde schrie Jesus laut und sprach: ‚Eli, Eli, lama asabthani?’ Das ist: Mein Gott, mein Gott, warum hast du mich verlassen?” Id. *ibid.* p.228.

⁵⁵ - Weber, Robert - Der Mensch experimentiert (O indivíduo experimenta). In: *Brasil-Post*, 30.04.1983, p. 7.

⁵⁶ - Weber, Robert - Moritz von Nassau’s Abschied von Brasilien (A despedida do Brasil de Maurício de Nassau). In: *Serra-Post Kalender* 53/54, 1974/75, p. 78-80.

sílabas, em rimas emparelhadas, seguida de uma outra quadra de versos curtos, de seis sílabas, em rimas cruzadas, alinhada em baixo e à direita da primeira.

No texto em prosa é dito que, por ocasião do 150º aniversário da imigração alemã no Brasil, não se pode ignorar a presença de alemães em terras brasileiras nos séculos anteriores, tanto mais que a colônia de Portugal estava fechada a súditos de outras nacionalidades. Que sejam lembrados Hans Staden (1557), autor do primeiro livro em língua alemã sobre o Brasil, Manuel Beckmann (1648), líder de um levante popular no Maranhão, ou Padre Samuel Fritz (1728), o primeiro missionário entre os índios da Amazônia. E também, ao tempo da Guerra dos Trinta Anos, um outro alemão - o príncipe Johann Moritz von Nassau-Siegen (1604-1679) - que desempenhou papel importante no Brasil ao criar o primeiro parlamento em terras brasileiras e americanas, num tempo em que portugueses, espanhóis, ingleses, franceses e holandeses disputavam com violência terras na América. Moritz von Nassau, apesar de incumbido da exploração da terra, não o fez, tendo-se dedicado ao desenvolvimento econômico e cultural da região, e isto, diz o autor, precisa ser lembrado, pois sua obra foi destruída pelos portugueses.

Segue-se, então, o poema em louvor deste nobre, que começa com a configuração do movimento dos homens de Nassau de regresso à Europa em atmosfera de tristeza. No mastro do galeão drapejam quatro bandeiras: a da Companhia das Índias Ocidentais, a da casa de Orange e da Holanda, a do Sacro Império Romano-Germânico e a do próprio príncipe Maurício de Nassau. É uma tristeza, lê-se no poema, ver um príncipe, que tanto se empenhou pelo bem-estar do povo brasileiro, um homem que aqui criou um parlamento composto de representantes do povo, ser chamado de volta à metrópole, justamente por não ter explorado as terras brasileiras e suas gentes, conforme o costume e a tradição dos trabalhos forçados, da violência e da escravidão, praticados à época. Depois de ter reinado seis anos e criado um período de civilização nos trópicos, este homem absolutamente incomum, é obrigado a deixar o Recife entregue à barbárie (dos portugueses sob o domínio espanhol). Dobram os sinos, ribombam os canhões na despedida deste homem singular. „Adeus, terra amada” (Ade, geliebtes Land) teriam sido palavras suas.

(Maurício de Nassau era príncipe de Nassau-Siegen, um Estado constitutivo do Sacro Império Romano-Germânico e, após sua extinção, da Conferência Germânica. Por motivos financeiros, aceita, em 1636, o convite para administrar durante cinco anos os domínios brasileiros da Companhia das Índias Ocidentais (a região em torno do Recife,

conquistada em 1624), e aqui desembarca em 23 de janeiro de 1637. Realmente, desenvolveu a economia açucareira, modernizou a cultura da cana-de-açúcar e do tabaco, atraiu à Nova Holanda, por causa de sua tolerância religiosa, ausente na Europa, não só holandeses, mas também franceses, italianos, belgas, flamengos, alemães e judeus, cientistas, artistas, cartógrafos. A primeira sinagoga brasileira e americana foi fundada no Recife e, graças à liberdade religiosa cultivada em sua época, pôde construir templo próprio em 1640. Modernizou toda a infra-estrutura e arquitetura da cidade, drenando terrenos, construindo canais, diques, pontes, palácios, jardins. Organizou serviços públicos de bombeiros e de coleta de lixo. Entretanto, divergências de perspectivas no governo destas possessões tropicais, de um lado sua visão militar e de estadista, de outro, o horizonte capitalista (o lucro) alimentado pela Companhia das Índias, obrigaram-no a deixar o posto de governador e a regressar à Europa em 23 de maio de 1644. A história de seu governo foi por ele encomendada a Caspar Barlaeus.)

„Veredelung. Naturphilosophisches Epos” (Refinamento. Epopéia natural-filosófica) é um poema inédito, não datado, descoberto em uma pasta guardada no arquivo do Instituto Martius-Staden em São Paulo. Trata-se de um gigantesco poema épico, conforme o título indica, dividido em 20 cantos.

O primeiro canto é formado por uma composição de 24 versos, em que, devido à disposição gráfica do 1º, do 7º, do 13º e do 19º versos, podem-se distinguir quatro sextilhas em redondilho maior, de rimas interpoladas, segundo o esquema abcbac. Pelo que se lê, entende-se que, diante da experiência da dor profunda, conhece-se o bom e o mau, o que possibilita a escolha e o traçado do caminho do bem. A dor afigura-se como o instrumento necessário ao aprendizado, à prática e à fruição do bem.

O segundo canto é composto por uma única estrofe de 15 versos brancos que oscilam entre 9 e 10 sílabas. Trata-se aqui de uma criaturinha solitária, brotada do caroço de um pêssigo, largado entre os salgueiros pela boca de alguma menina que o degustou, e cuja vida está sujeita ao trânsito das estações do ano.

O terceiro canto é formado também por uma única estrofe de 10 versos septilábicos de rimas emparelhadas. O eu do poema parece em diálogo solitário com a arvorezinha do canto anterior, observando-lhe que, embora se possa ser agressivo com ela, é melhor estar solitária, tendo por companhia a luz do sol, o ar livre, o perfume da natureza, ou seja, as criações divinas que são como um altar diante de nós.

O quarto canto compõe-se igualmente de uma única estrofe de 14 versos de métrica irregular, oscilando entre 4 e 10 sílabas, com rimas imperfeitamente cruzadas. Trata este canto da determinação do *locus* de onde o eu do poema fala: um banco de onde avista o pequeno pessegueiro e os salgueiros a balançarem à luz do luar que invade o jardim.

O quinto canto também é formado por uma única estrofe de 16 versos que, no entanto, pela disposição gráfica dos mesmos e, levando-se em conta o número de sílabas, pode ser dividida em 2 partes: uma estrofe de sete versos de quatro sílabas, finalizada por um verso menor de apenas duas sílabas, obedecendo a um sistema de rimas misturado, segundo o esquema ababccab, e outra estrofe igualmente de sete versos de quatro sílabas, finalizada por um verso menor de apenas duas sílabas, obedecendo a um sistema de rimas misturado, segundo o esquema de de ff de. Trata este canto da discreta introdução do sofrimento do eu do poema, que se esconde em uma noite escura, em meio à paisagem pitoresca dos salgueiros que se nutrem da luz solar e se distendem em sua procura (1ª parte). Mas também eles estão sujeitos à nuvem ameaçadora, às gotas de água que despencam, obrigando-os a fechar-se angustiados (2ª parte).

O sexto canto apresenta-se em uma única composição de 24 versos, os quais, segundo a composição gráfica, apontam para três estrofes de oito versos cada e, ainda dentro da cada estrofe de oito versos, é possível distinguir quadras, ao todo seis quadras, assinaladas e terminadas por um ponto final. À primeira quadra, de versos de nove sílabas de rima cruzada abab, segue-se uma quadra de versos de cinco sílabas de rima emparelhada cc dd; à terceira quadra, de versos de nove sílabas de rima cruzada ef ef, segue-se uma outra quadra de versos de cinco sílabas de rima emparelhada gg hh; à quinta quadra de versos de nove sílabas de rima cruzada ij ij, segue-se uma última quadra de versos de cinco sílabas de rima emparelhada kk ll, à exceção dos dois últimos que contam sete. Neste canto, o eu do poema transforma-se ele mesmo em uma árvore que se alimenta de sol, cujas raízes bebem em frescas fontes. Das profundezas sobem desejos aos galhos. Assim como a primavera traz à natureza a pujança, assim também as primeiras fases da vida propiciam ao ser humano o irromper da força e da coragem.

O sétimo canto é pequeno, contém apenas uma sextilha de versos de oito sílabas em rima cruzada e emparelhada, segundo o esquema ab ab cc, dirigida ao leitor – um ser humano. Se ele for atingido por qualquer sofrimento, que o receba com compreensão. A compaixão pelo próximo é uma benção.

O oitavo canto tem a forma de uma única composição de 24 versos, os quais, segundo a composição gráfica, apontam para três estrofes de oito versos cada e, ainda dentro da

cada estrofe de oito versos, é possível distinguir quadras, ao todo seis quadras. À primeira quadra, de versos irregulares de nove, oito, dez e oito sílabas respectivamente, de rima cruzada abab, segue-se uma quadra de versos de cinco sílabas, sendo o último de quatro, de rima cruzada cdcd; à terceira quadra, de versos irregulares de nove, oito, dez e oito sílabas respectivamente, de rima cruzada efef, segue-se uma outra quadra de versos de cinco sílabas, sendo o último de quatro, de rima cruzada de rima ghgh; à quinta quadra de versos irregulares de nove, oito, dez e oito sílabas respectivamente, de rima cruzada abab ijij, segue-se uma última quadra de versos de cinco sílabas, sendo o último de quatro, de rima cruzada kdkd. Neste canto, o eu do poema volta ao pessegueiro solitário e fraquinho entre os portentosos salgueiros, que encobrirão suas florações. Será inócuo o esforço por se mostrar. Entretanto, o eu do poema observa sua pertinácia e promete ajudá-lo.

O nono canto, composto por única estrofe de 14 versos de quatro sílabas, à exceção do terceiro e do décimo que têm 8, rimando de modo irregular, segundo a seqüência abcbdecfghfgh, ensina o pessegueiro a ser solidário com quem dele vier a precisar (atraído pelos frutos).

O décimo canto, formado por 24 versos, em que pela disposição gráfica se evidenciam 4 sextilhas de versos de nove sílabas, à exceção do 3º, do 9º, do 15º, do 21º e do último que apresentam 7, incita o amigo, elogiando-lhe a força e o viço, a ele se igualando no sofrimento imposto pelo destino. Mostra-lhe a tesoura afiada com que o poderá podar para fique ainda mais forte.

O décimo primeiro canto, em uma estrofe igualmente de 24 versos em que pela disposição gráfica sobressaem 4 sextilhas de versos de oito e seis sílabas, regularmente distribuídas no seguinte esquema: 8, 6, 8, 6, 8, 8, com rimas ababcc, acusa a chegada do tempo da maturidade, da floração, das abelhas e dos passarinhos que nele vêm se abrigar.

O décimo segundo canto refere-se à saudade pungente que o herói sente em relação ao território que, com tanta coragem, dedicação e esmero construiu nos trópicos e que, agora, é obrigado a abandonar.

O décimo terceiro canto oferece uma estrofe pequena, constituída por 8 versos de 8 sílabas, à exceção do 3º e do 5º que apresentam 6, com rimas no esquema ababccdd, e refere-se ao suco do pêssgo como uma criação divina.

O décimo quarto canto focaliza o trabalho da poda em uma estrofe de 18 versos, em que a disposição gráfica permite distinguir 3 sextilhas de 8, 4,4,4,4, e 8 versos respectivamente, rimando no esquema aababb,

O décimo quinto canto compõe-se de uma estrofe de 8 versos, cuja disposição gráfica permite identificar duas quadras de oito versos, em rimas cruzadas. Neste passo, o eu do poema incita à coragem, ao enfrentamento do sofrimento: quem não o fizer não alcançará o prêmio eterno.

O décimo sexto canto assim se desenvolve numa pequena sextilha de versos de 11 sílabas em rima aababb⁵⁷:

A noite desperta os ventos pra dança,
Redemoinham alegres ao luar fagueiro
Movem-se ladinos e apertam-se dóceis
No tronquinho altaneiro da sonhadora planta;
Esvoaçando, rodeiam o fedelho ensonado,
Que sente tontura, vergando e espichando.

O décimo sétimo canto é um pouco mais longo, apresenta 31 versos, também em disposição gráfica que permite visualizar 4 estrofes de oito versos, com 4 sílabas, em rimas aa,bc dd cb, dirigido ao garoto, identificador do pequeno pessegueiro, para que espere, para que tenha esperança, pois logo a primavera virá com todas as suas delícias.

O décimo oitavo canto é a mais longa composição desta epopéia: compõe-se de 133 tercetos de versos decassilábicos em rima aba. e de um último verso, deles desgarrado: „Um sonho trazido à luz através de uma nobre floração” (Ein Traum zum Licht durch eine edle Bluetel!). Neste canto, o eu do poema penetra a atmosfera do jardim, frui o prazer dos sons produzidos pelo vento, pelo canto das cigarras, permite-se devaneios, em que tomam forma sonhos de cores fantásticas em territórios desconhecidos da imaginação, o encontro com gnomos e ninfas, a sensação do infinito e da solidão que dói.

O décimo nono canto é formado por 36 versos, em disposição gráfica que deixa em evidência 4 estrofes de nove versos, de metragem silábica irregular entre 4 e 6 sílabas métricas, num esquema de rimas ab ab cd cc d, a conformar o movimento e os sons da

⁵⁷ - „Der Abend ermuntert die Winde zum Tanze,
Sie kreisen frohlockend im mondhellen Glanze
Und drehen sich schelmisch und draengen sich schmiegend
Ans ragende Staemmchen der trauemenden Pflanze;
Den schlummernden Wicht umzirkeln sie fliegend,
Er fuehlt es erbebend, sich reckend und biegend”.

rainha primavera: abelhas que zunem, borboletas que voluteiam numa paisagem de mil cores, botões que se abrem, flores que desabroçam.

O vigésimo e último canto é composto por 2 quintetos de metragem silábica irregular, de 8,8,11,10 e 4 sílabas mátricas respectivamente, em esquema de rimas aa aa b/cc cc b, e dá continuação ao devaneio do eu do poema dentro da atmosfera primaveril do jardim, onde abundam imagens de abelhas e de borboletas volteando em torno das árvores em flor. Pela onomatopéia que encerra este poema épico „Summ-sisi-summ”, pode-se dizer que o eu do poema deixa-se ficar em devaneio.

O poema inédito „Santa Maria do Herval” é uma homenagem ao município do mesmo nome, em alemão „Teewald” (floresta de chá), oficialmente criado nas proximidades de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, em 12 de maio de 1988, em louvor de Nossa Senhora Auxiliadora, do solo e das florestas de chá do lugar. Antes da criação deste município, o lugar era conhecido pela comunidade do Morro dos Bugres, fundada entre 1835 e 1838, em alusão ao sr. Buchermann, seu primeiro morador, de origem alemã.

De fato, a poesia, escrita em 24 de janeiro de 1970, trata das árvores, dos morros, dos vales, do marulhar das águas em cachoeiras, da natureza em permanente mutação: morrem árvores, nascem sementeiras. A última estrofe, de um conjunto de 6 quadras de versos de 7 sílabas, em rima cruzada, assim se desenvolve:

Escuta! Sopra um riso de criança
No ramalhar, cristalino,
como um ditoso acordar
Da vida, recomeço divino.⁵⁸

Em paralelo às publicações de autoria de Robert Weber, saem publicados nos mesmos *Kalender* outros textos e, entre eles, é importante salientar as obras de autores de língua alemã, que deveriam ancorar e ajudar a preservar a cultura natal dos leitores (de idioma alemão), bem como as traduções de obras da literatura brasileira, por vezes, da portuguesa, que deveriam abrir as portas à cultura local. Tais textos oferecem grande potencial de pesquisa.

⁵⁸ - Horch! Es weht ein Kinderlachen
Mit dem Rauschen hell dahin,
Wie ein seliges Erwachen
Zu des Lebens Neubeginn.

Assim, entre os autores de língua alemã, podem-se ler:

Angelus Silesius - Gedanken über Gott und Menschen, (pensamentos publicados no *Serra-Post- Kalender* de 1929, p. 65).

Ernst Kleuker de Flensburg - Gegen die Kriegsschullüge, (poema publicado no *Serra-Post- Kalender* de 1930, p. 168).

Friedrich Gerstärcker - *Zacharias Hasenmeiers Abenteuer*, (narrativa publicada no *Kalender der Serra-Post* de 1924, p. 31-53).

Friedrich Rückert - Wie die Zeder, (poema publicado no *Kalender der Serra-Post* de 1924, p. 59).

Gellert, Goethe, Grillparzer, Lichtenberg, Logau, Paul Heyse, (pensamentos publicados no *Kalender der Serra-Post* de 1926, p.93).

Goethe - Kläffer, (poema publicado no *Kalender der Serra-Post* de 1924, p. 53).

Goethe - Gutmann und Gutweib, (poema publicado no *Kalender der Serra-Post* de 1924, p. 54).

Goethe - Beherzigung, (poema publicado no *Kalender der Serra-Post* de 1924, p. 59).

Herder - Lied des Lebens, (poema publicado no *Kalender der Serra-Post* de 1925, p. 30).

Hermann Hesse - Die Verlobung. Trata-se de um conto do autor. (*Serra-Post- Kalender* 1929, p. 70 -90).

Peter Rosegger – Eine Abelsberger Heiratsgeschichte, (narrativa publicada no *Kalender der Serra-Post* de 1926, p. 93-95).

Peter Rosegger – Der Exekutions-Soldat, (narrativa publicada no *Serra-Post-Kalender* de 1927, p. 34-43).

Peter Rosegger – Zur Scholle zurück, (narrativa publicada no *Kalender der Serra-Post* de 1928, p. 168).

Peter Rosegger - Der Herschersepp. Trata-se de uma narrativa de. (*Serra-Post-Kalender* 1930, p. 33-34).

Roda-Roda - Der Zigeuner preist sein Pferd an, (poema publicado no *Serra-Post-Kalender* de 1930, p. 121-123).

Walther von der Vogelweide - Ich hab der Lande viel gesehen, (versão arcaica e versão moderna de um poema, seguidas de texto explicativo de autor desconhecido, publicados no *Serra-Post-Kalender* de 1930, p. 137).

Wilhelm Herbert - Märchen, (poema publicado no *Kalender der Serra-Post* de 1924, p. 104).

Entre os escritores brasileiros traduzidos encontram-se:

Barbosa Lessa - Der Weihnachtsmann erzählt eine Geschichte, (trecho traduzido por Charlotte Wollermann Fischer. *Serra-Post-Kalender* 1973, p. 221-226).

Darcy Azambuja - Vergangene Zeiten, (trecho extraído do livro *No galpão*, traduzido por alguém que assina com três pontos de reticências (**), dispostas em triângulo equilátero. (*Serra-Post-Kalender* 1930, p. 141-152).

João Simões Lopes Neto - Der Mate des João Cardozo, (trecho extraído do livro *Contos Gauchescos*, traduzido por autor anônimo, e publicado no *Kalender der Serra-Post* de 1925, p. 185-186).

Joaquim Osório Duque Estrada - Brasilianische Nationalhymne. Trata-se da tradução do hino nacional brasileiro por Hellmut Culmann, deixando-se os dois refrãos em português. (*Serra-Post-Kalender* 1930, p. 30-31).

Mário Cockrane de Alencar - Brasilianische Dichterprofile in zeitgenössischer Betrachtung, (vários textos em que são traçados os perfis dos escritores brasileiros

Monteiro Lobato - Die Geschichte eines Sturzes, (trecho extraído do livro *Cidades mortas*, traduzido por Robert Löw e publicado no *Kalender der Serra-Post* de 1926, p. 46-52).

Monteiro Lobato - Wenn jemand eine Fazenda kaufen will, (narrativa traduzida por Friedrich Sommer e publicada no *Kalender für die Deutschen in Brasilien* de 1928, p. 98-107).

Monteiro Lobato - Der deutsche Spion, (excerto de um conto satírico, traduzido por alguém que assina com três pontos de reticências (**)), dispostas em triângulo equilátero. (*Serra-Post- Kalender* 1932, p. 140-156).

Olavo Bilac traduzido por Juanita Schmalenberg Bezner. *Serra-Post-Kalender* 1973, p. 201-206.

Raimundo Correia, traduzido por Juanita Schmalenberg Bezner. *Serra-Post-Kalender* 1973, p. 201-206.

Tobias Barreto - Ahnen (Pressentimento), (poema extraído do volume *Dias e noites*, traduzido por Juanita Schmalenberg Bezner, depois de uma breve apresentação do autor como amigo da cultura alemã. *Serra-Post-Kalender* 1973, p. 30-31).

(Não informado) - Aus einem neuen Brazilian-Roman, (trecho extraído de um romance brasileiro prestes a ser publicado. O nome do autor não é citado, mas considerado como muito conhecido pelo sucesso de suas obras anteriores „Paradies und Hölle” e „Am Lagerfeuer deutscher Vagabunden in Südamerika”. A tradução é realizada por Franz Donat, assim como as observações citadas. (*Serra-Post- Kalender* 1929, p. 99-125).

? - Poemas sobre pássaros brasileiros de autor desconhecido. (*Serra-Post- Kalender* 1932, p. 97- 101).